

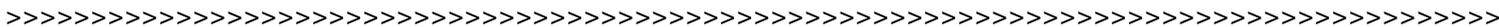
GÊNERO E DESIGUALDADE

A disparidade de ganhos financeiros entre homens e mulheres diminuiu muito nos últimos anos no país. Contudo, quando se observam as diferenças em função do nível de escolaridade, a situação é desfavorável às mulheres com mais anos de estudo e formação

POR REGINA MADALOZZO







Em maio deste ano, a revista *The Economist* divulgou os resultados de um estudo bastante interessante: “As meninas estão se tornando tão boas quanto os meninos em matemática, e continuam melhores em leitura”. Segundo o pesquisador Luigi Guiso, do Instituto Europeu em Florença, as diferenças de rendimento em provas de matemática e leitura são motivadas mais por diferenças culturais dos países do que pela diferença na capacidade intelectual dos gêneros.

Em países com maior igualdade entre homens e mulheres – nas esferas econômica, educacional, de saúde e política –, meninos e meninas têm iguais notas na prova de matemática do exame do Programme for International Student Assessment (PISA), realizado pela OECD em 2007, e a distância de rendimento em leitura se torna ainda mais favorável para as meninas.

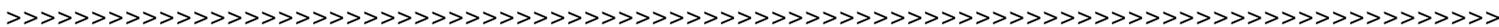
A SITUAÇÃO BRASILEIRA. No *Gender Gap Index*, do Fórum Econômico Mundial (uma das medidas utilizadas para se inferirem as diferenças entre gêneros nos diferentes países), o Brasil ocupa a 74ª posição em um ranking de 128 países, com a nota 0,66. Nesse ranking, a nota zero representa a completa igualdade entre gêneros e 1, a completa desigualdade. Dessa forma, podemos dizer que o Brasil se encontra na parcela de países que trata de forma bastante diferenciada homens e mulheres. O resultado dos índices

de educação e saúde – relacionados a matrículas em escolas e expectativa de vida – é bastante favorável, representando a quase igualdade entre homens e mulheres.

Com relação a índices econômicos – participação no mercado de trabalho, diferenças salariais etc. – o resultado não é tão positivo. De uma escala entre zero (total desigualdade entre os gêneros) e 1 (igualdade total), o Brasil tem a nota 0,645, o que significa uma grande disparidade de poder econômico entre homens e mulheres.

Pior do que isso é o resultado de *empowerment* político das mulheres. O Brasil é o 96º colocado entre os 128 países avaliados, com um índice que beira à total desigualdade: 0,062. A análise da evolução das disparidades salariais e de condições de trabalho entre homens e mulheres nos permite avaliar se a conclusão do estudo de Luigi Guiso também é pertinente para o Brasil. Será que o papel das tradições culturais se sobrepõe às evidências econômicas de eficiência na maior igualdade entre os gêneros?

DIFERENÇAS SALARIAIS. A diferença de rendimentos entre homens e mulheres no Brasil tem diminuído substancialmente ao longo dos anos. A inserção mais forte da mulher no mercado de trabalho fez com que o diferencial de salários médio entre os gêneros, estimado em 23% em 1995, caísse para 15% em 2006. Esse resultado seria ainda mais interessante se a análise de dados



COM TRÊS OU MAIS MULHERES EM UM COMITÊ, O PENSAMENTO FEMININO E A LÓGICA PARA A TOMADA DE DECISÕES SE ALTERAM, FOMENTANDO UMA DINÂMICA COLABORATIVA ENTRE OS INDIVÍDUOS DO GRUPO

mesma tendência, chamada “teto de vidro”, é verificada também no Brasil, onde existe uma presença bastante reduzida de mulheres em cargos elevados nas empresas.

EFEITOS INDESEJADOS. Pesquisadores apontam que a diversidade de pensamento entre homens e mulheres, bem como na forma de homens e mulheres tomarem decisões, significa uma maior eficiência das empresas. Em seu estudo “How many women do boards need?”, Alison Konrad e Vicki Kramer apontam a necessidade de que elas representem uma parcela significativa do grupo.

Segundo as pesquisadoras, o isolamento de uma única mulher em um grupo de homens não permite necessariamente que ela ofereça sua melhor contribuição para as decisões. Entretanto, com três ou mais mulheres em um comitê, a lógica para a tomada de decisões se altera, fomentando a colaboração entre os membros do grupo.

Para se chegar a esse resultado, é importante que as mulheres sintam que seus esforços estão sendo recompensados, via contratação, salários adequados e promoções alinhadas com aquelas recebidas por seus colegas do sexo masculino. Enquanto isso não ocorrer, efeitos indesejados podem ocasionar um retrocesso na evolução dos gêneros.

O primeiro efeito maléfico de as mulheres não perceberem sua valorização no mercado de trabalho é o aumen-

